

inconstancia@riseup.net
Verão 2016

EDITORIAL

Procuramos experiências que confirmem ou contestem nossas ideias, e não cristalizar nosso pensamento apegados a projeções de outros tempos ou perseguindo purismos ideológicos. Procuramos nos afundar nas contradições que cotidianamente geramos. Usando as palavras, constantemente, nos deparamos com a confusão que as mesmas ocasionam, porque estas não estão sujeitas a ser homogêneas em seus significados. A confrontação surgida da troca de ideias, faz com que tentemos entender como se entrelaçam as ações da civilização no controle das individualidades e do território. Já que esta trama, de pessoas, instituições e interesses está articulada para funcionar globalmente.

A oportunidade de conversar, usando distintos meios, faz ir além da confusão que geram as palavras, os idiomas, as narrativas, compartilhando as próprias inquietudes se pode construir afinidade e cumplicidade ou manter as coisas claras. Raras vezes as trocas de ideias chegam a conclusões, por que nada está resolvido... temos todo por fazer.

Um improvisado grupo editorial
Verão 2016

APRESENTAÇÃO

Uma troca de ideias entre anarquistas...é uma troca de ideias que não acaba nunca...Sempre surgem novos questionamentos, novas reflexões, novos anseios, novos pensamentos, novas perspectivas. De qualquer maneira, a anarquia não tem receitas prontas para um mundo novo. E esta é sua força. A anarquia é uma jornada contínua a liberdade. Longe de doutrinas e cercos ideológicos, a anarquia é uma experiência viva da revolução que nunca se acaba. Enquanto dura a jornada, dura a troca de ideias. Uma troca de ideias que não fica simplesmente gravada nas páginas de um livro e tão pouco charlataneia sem se arriscar nas assembleias que reproduzem apenas a si mesmas. Uma troca de ideias que rompe a imobilidade do ar intelectualóide e se expressa através de ações. Uma troca de ideias que funciona como um detonador de gestos, eventos, conspirações, situações, derroçamentos...

O panfleto “uma troca de ideias entre anarquistas” foi publicado pela primeira vez em maio de 2012 na revista mexicana anarquista “Conspiración Acrata”. Até agora foi publicada em espanhol, em inglês, em italiano e em grego.

Foi um encontro imaginário entre os membros encarcerados da Conspiração das Células do Fogo e os companheiros do México com o objetivo de intercambiar experiências, compartilhar preocupações, desenvolver pensamentos e planejar novas ações...

Esta conversação é sobre as condições nas prisões, os primeiros anos de ação da CCF, a tendência anarco-niilista, a Federação Anarquista Internacional (F.A.I.), o anonimato político, as chamadas internacionais para ações, etc.

Também se lançou sobre a mesa as questões referentes à peculiaridade de cada idioma e a confusão que se cria nos âmbitos anarquistas, a nível internacional, enquanto em outros países, as mesmas palavras têm diferentes conteúdos políticos. Assim, estamos frequentemente perdidos na tradução, enquanto as palavras, dependendo da história de cada país, levam a diferentes memórias. Por exemplo as palavras “revolução”, “guerrilha urbana”, “luta armada”, em alguns países é identificada com as organizações marxistas-leninistas.

Tudo isto contribui ao desejo de criar encruzilhadas internacionais de encontro e comunicação entre anarquistas.

Isto tudo é uma contribuição mínima à intenção de uma formação anarquista internacional que colocará em movimento a aposta da teoria prática internacional anarquista.

Porque a anarquia **ou será** uma conspiração internacional para o derroçamento do poder imperial, ou não existirá ...

O objetivo de publicações como " uma troca de ideias entre anarquistas " não é indicar o caminho ou ensinar a 'revolução'.

Seu objetivo é fazer que as palavras, e os significados saiam para a rua, e lá onde se escreve a história... Além, nosso desejo era e é a criação de uma verdadeira conversação, não somente entre nós **que nos colocamos de acordo**, mas também entre os que expressam uma tendência diferente da anarquia. No para que produzir um estatuto a partir da digestão da diversidade, senão porque somente através da discrepância nasce a evolução...

A anarquia, do jeito como nós a expressamos é viva e arriscada, não quando se considera que não comete erros e é definitiva, mas quando está na procura do conflito com outras tendências para poder superar esse conflito dialético e sair mais forte, ou para pensar se, de novo e recriar-se enriquecida de

novos pensamentos e valores. De todas formas, nossa própria vida é uma guerra espiritual...

Através deste tipo de processos, podemos promover a Internacional dos anarquistas de ação e constituir uma rede de núcleos de ação direta capaz de atacar o mecanismo social, trocando experiências, conhecimentos, informações, atacando ao império do poder...A teoria prática está sorrindo... pela anarquia.

Christos Tsakalos membro da CCF

Contato:

Christos Tsakalos
fylakes Koridallou
Koridallo Atenas-
Grécia

conspiracycf@riseup.net

UMA TROCA DE IDEIAS ENTRE ANARQUISTAS

Uma discussão sobre tática e prática entre @s membr@s encarcerad@s da Conspiração das Células de Fogo e alguns anarquistas de práxis radicad@s no México.

O que vem a seguir é uma conversação entre @s mebr@s da CCF encarcerad@s na Grécia e alguns anarquistas de práxis residentes no México. As perguntas foram elaboradas por distint@s companheir@s e não só pelo coletivo editorial de Conspiración Ácrata. Expressamos nosso agradecimento a tod@s @s compas que nos ajudaram com o enorme trabalho de tradução do grego ao espanhol, assim como aos companheir@s que nos auxiliaram, fazendo possível esta conversação com @s compas greg@s encarcerad@s.

1. Como tem sido suas experiências na cárcere? O que @s tem ajudado a se manter fortes e ativ@s como pres@s em guerra? Que conselhos tem para tod@s @s que somos suscetíveis a chegar ser pres@s em guerra algum dia?

Como escrevemos em algum de nossos textos: <<No difícil e frequentemente solitário percurso de uma anarquista de práxis, o cárcere constitui uma parada provável, mas não sua estação final.>> Por isso é importante que cada uma de nós que optamos por ser negador@s do poder e lob@s na sociedade da ovelhas, se prepare para esta eventualidade. Há companheir@s que nos entregaram suas almas descrevendo nos livros que publicaram suas vivências como pres@s. Estas experiências escritas conseguem preparar uma anarquista de práxis, permitindo-lhe dar uma olhada por trás dos muros do desconhecido mundo carcerário. Naturalmente, cada pessoa tem suas próprias experiências. Por isso a vivência pessoal sempre difere muito da experiência indireta absorvida em um livro. Para nós, a passagem da vida clandestina para o cativo foi acompanhado pela destruição de alguns mitos. Muito rápido nos desfizemos do mito sobre o pretense caráter rebelde dos círculos ilegais. Antes de estarmos encarcerad@s considerávamos que @s pres@, pela sua realidade de claustro e seu ódio por juízes e policiais, eram pessoas abertas aos pontos de vista e práticas anarquistas. Mas rapidamente, junto com nossa liberdade, perdemos também as ilusões a respeito. Apesar de toda a violência e repressão, apesar da prática ilegalista, a sociedade carcerária cheira tão mal quanto a sociedade d@s cidadãos fiéis a lei, também tem suas próprias regras, sua própria autoridade e convênios. @s pres@s cultuam o mesmo deus dinheiro que @s cumpridores da lei enaltecem e adoram os mesmos valores (pátria, religião, etc.). A maioria d@s pres@s são uns roedores assustad@s e taimad@s, que se alimentam das debilidades e das misérias uns d@s outr@s. A submissão, a caguetagem, o fato de preocupar-se só com a própria pele e, finalmente, a internalização da ideia mesmo do cárcere são suas características fundamentais.

De fato, a sociedade prisional é o espelho da sociedade. @s pres@s, até @s que não rezam para o mesmo deus, idolatram a heroína e os psicofármacos. Portanto, @s que acreditam que vão descobrir nas pessoas presas o novo sujeito revolucionário das suas ideologias, que substituirá a defunta classe operária... então, a realidade concreta vai contradizê-los. Isto confirma o raciocínio da tendência anárquica anti-social expressado por nós, já que mostra que a pessoa não está determinada pelas condições em que vive (por exemplo, o cárcere), mas que o que realmente as caracterizam são as OPÇÕES que faz.

É claro que “a maioria” está por todos lados, enquanto as exceções são muito poucas. Na sociedade carcerária, onde grande parte da massa vai arrastando sua triste e miserável sombra em busca da heroína e psicofármacos, existem algumas destacadas e solitárias individualidades presas. São pessoas que, por sua experiência, são conscientes do cativo e sua realidade, e em lugar de investir em drogas ou práticas deladoras, a convertem em uma arma bem guardada dentro de si, dirigida contra @s tiran@s de nossas vidas.

Entramos rapidamente em contato com estas raras exceções, desenvolvendo relações de amizade e respeito. Tod@s @s demais, @s pres@s que se sentem em casa dentro do cárcere,

não merecem a menor compaixão, somente desprezo. Além disso, com nossa postura e conduta, de maneira clara e forte fizemos compreensível o fato que entre @s pres@s anarquistas de práxis e @s pres@s caguetes e heroinômanos há todo um oceano de valores e percepções que nos separam.

Neste momento, além de nós, outras pessoas estão presas acusadas de práticas anárquicas. Para nós, não se é anarquista simplesmente por que os gambés te prenderam por “práticas anarquistas”. É anarquista quando com tuas palavras, tua coerência e tua postura, te comportas como anarquista também fora dos muros da prisão. Com exceção de umas quant@s COMPANHEIR@S, na Grécia tem muit@s anarquistas pres@s que desejam cumprir “tranquilamente” sua pena e evitar conflitos com os carcereiros. Mais um exemplo da falta de “comunidade” entre @s pres@s anarquistas foi a tentativa de fuga de 4 companheiros das CCF, nosso irmão anarquista Theofilos Mauropoulos e um preso “comum”. Naquele momento, o resto d@s “anarquistas” que estavam no mesmo presídio (Koridallos) não fizeram absolutamente nada; nem sequer no momento em que dezenas de carcereiros traziam os nossos irmãos de volta. O resto dos “anarquistas” se trancou nas celas, e os únicos que permaneceram no corredor, solidarizando-se conosco, foram 4 ou 5 prisioneiros com muitos anos de reclusão nas costas.

Desde o primeiro momento em que pisamos o cárcere entramos em conflito com os serviços penitenciários. Em todas as cárceres pelas quais passamos, nossa negativa em aceitar e nos reconciliar com as regras e costumes do sistema penitenciário teve como resultado muitos conflitos com os carcereiros (brigas, isolamentos e transferências).

Nestas circunstâncias, o único idioma que os carcereiros entendem é o do medo. O medo é a resposta e a vingança. Além disso, como já repetimos, o poder dos carcereiros acaba quando saem dos muros que os protegem. Fora das prisões são suscetíveis e sabem disso. Todas as movidas solidárias e combativas que as vezes acontecem contribuíram para este clima de medo que padecem os carcereiros. Um bom exemplo é o caso do pacote bomba enviado pela FAI/FRI italiana para o presídio de Koridallos, e também a infinidade de concentrações solidárias que foram feitas diante das prisões. Todo isso nos ajudou muito a encarar a guerra que levamos aqui dentro. Porque o medo que as práticas de solidariedade anarquista provocam nos carcereiros é o que os impede de mostrar sua verdadeira face. Ao mesmo tempo, uma solidariedade anarquista que não se limite a meras palavras senão que se torna gesto essencial e consequente, nos enche de coragem e fortalece o lobo que levamos dentro. Desta maneira sentimos que ainda estamos vivos. Nos sentimos parte desta bela luta anárquica que se está desenrolando. Nos sentimos presentes no conflito urbano contra a policia, nas noturnas incursões incendiárias, no transporte clandestino dos explosivos que dinamitam os símbolos desta civilização, nas sabotagens conspirativas, nos ataques armados contra o Estado.

Assim, em cada momento estamos preparad@s para repetir nossos “crimes” pela propagação da nova Anarquia, sem nos arrepender de nada, acordamos a cada manhã com este sentimento. Pode ser que odiemos cada um dos nossos desjejus atrás das grades e o barulho dos megafones da prisão, mas dentro de nós sabemos que tudo continua. Aqui dentro uma anarquista de práxis só tem um pensamento e um desejo: atacar de mil maneiras possíveis as correntes do seu cativo, destruir o cárcere que lhe restringe, escapar dos muros e das grades que impedem a liberdade de SEGUIR difundindo a permanente insurreição anárquica.

Longe das ilusões da luta de classes e das lutas sociais, longe do “combativo” sindicalismo carcerário que reivindica melhores condiciones de encerro e maiores rações de comida, nosso “ego” existe sem arrependimentos, ao ponto de saltar pelos ares a cada oportunidade e fugir, assumindo qualquer risco, até o clandestino vagabundeio aí fora, nas margens da sociedade.

Toda pessoa que acredite em si mesma é capaz de fazê-lo. Uma pessoa que acredita em si mesma e em seus companheir@s pode fazer possível todo o inalcançável. Essa é nossa grande força. A coletivização de nossas individualidades. Dentro da prisão não abandonamos nem por um momento a *Conspiração das Células de Fogo*, nem tudo o que se expressa com ela. Sempre estamos um@ do lado do outr@. Nos dando força.

Antes da prisão aprendemos a compartilhar o prazer ao tampar nossos rostos com capuzes, a tensão ao carregar nossas pistolas, o riso em trocar piadas antes do ataque, os mesmos sentimentos ao sorrir escutando uma notícia alegre ou nos entristecer com uma desagradável. O mesmo desejo cada vez que, concluindo um ataque, já estávamos preparad@s para o próximo. O mesmo ocorre agora. Nada mudou. Compartilhamos a mesma cólera cada vez que os carcereiros mandam um d@s noss@s para o isolamento; a mesma pena quando algum vai ser transferid@; o mesmo prazer quando chegam notícias de noss@s companheir@s; a mesma força quando a FAI/FRI, a nova *Conspiração das Células de Fogo*, @s anarquistas de práxis e @s anarconihilistas golpeiam uma e outra vez; a mesma raiva quando pensamos em como derrubar os muros que construíram ao nosso redor. Este senso de comunidade, de solidariedade e de desejos comuns pela ação direta é nossa arma mais potente. Como escrevemos durante nossa greve de fome: << *Se um@ não morre pelo outr@, então já estamos mort@s...*>>

2. Como começou o projeto da CCF? Quais foram as motivações que @s levou a passar à ação?

A *Conspiração das Células de Fogo* aparece por primeira vez em Janeiro do ano 2008. Até então não existiam na Grécia grupos de ações informais e anarquistas, salvo poucas exceções (por exemplo, os grupos “*Incendiários da Consciência*” e “*Estrela Negra*”), que estiveram ativos fazem muitos anos. Apesar disso, no âmbito anarquista da Grécia, sempre existiu uma tendência minoritária que optou por incendiar as tranquilas noites da metrópole e atacar os símbolos do Poder.

Para responder esta pergunta de uma maneira mais íntegra, é muito importante fazer um breve repasso, tanto crítico como autocrítico. Em primeiro lugar, tod@s nós, @s companheir@s que compartilhamos o projeto da CCF, viemos dos círculos anarquistas identificados com a tendência incendiária minoritária. Dentro destes círculos nos conhecemos, trocando inquietudes, planejando ataques, expressando preocupações e compartilhando o fogo. No entanto, ao mesmo tempo nos sentimos pouco satisfeit@s ante a falta de estratégia, de coerência, de evolução, de perspectiva, etc. Salvo poucas exceções, a maior parte d@s anarquistas incendiári@s se limitava a realização de ataques ocasionais em vista do julgamento ou prisão de algum companheir@. Paralelamente algumas vezes ataques refratários eram levados adiante como resposta a um acontecimento de atualidade urgente, por exemplo, a votação de alguma legislação, a violência policial contra @s imigrantes, etc. Mas na maioria das vezes o que predominava era o improviso em todo o referente ao planejamento dos ataques, a repetição dos objetivos (por exemplos bancos), a falta de discussão prévia e a ausência de avaliação depois do ataque, assim como a pouca colaboração interna no momento de redigir a reivindicação dos fatos.

Em geral, poderíamos afirmar que a tendência incendiária anárquica funcionava, sobretudo com alguns golpes refratários que iam se debilitando, se reduzindo e repetindo, em um ciclo vicioso de desgaste, carente de qualquer perspectiva evolutiva. Os comunicados tampouco logravam a difusão do pensamento e da prática anarquista, já que se faziam mediante chamadas telefônicas aos meios de comunicação do regime e frequentemente mencionavam

só o objetivo, o nome do companheir@ anarquista encarcerado para quem ia dedicado o ataque e o grupo que assumia a responsabilidade do mesmo.

Quanto ao nome do grupo, geralmente se tendeu ao improvisado e a inclinação pelo ocasional e desorganizado. Isto levou a utilização de diferentes assinaturas e nomes que iam mudando em cada ocasião, mas sem ressaltar o conteúdo do ataque, as posições específicas do grupo e nos valores e opiniões d@s companheir@s que participaram da ação. Isto era resultado da carência de infraestruturas e de grupos de ação direta informais. Assim a teoria era apartada da ação, enquanto a consciência retrocedia dando lugar à adrenalina e ao aspecto ilegal da ação. A razão principal da ausência de grupos informais de ação direta era o medo que muitos anarquistas tinham, argumentavam que a existência de tais grupos atrairia a atenção da polícia e provocaria detenções e encarceramentos por muitos anos. Deste modo, a dinâmica d@s anarquistas de práxis ia se esgotando na casualidade dos acontecimentos e em ocasionais passatempos, carentes de planejamento e perspectiva, enquanto algum@s d@s que, com o fogo nas mãos tomaram parte na luta contra o Poder, ao fim de uns poucos anos voltavam à legalidade da vida cotidiana. Para el@s a Anarquia incendiária havia tido seu tempo e era coisa do passado, reduzindo-se a uma dissidência juvenil com data de caducidade, a uma fase ou uma luta ocasional. Para nós, a ação direta não tem nada que ver como uma reação adolescente, tampouco com uma dissidência ocasional. Para nós a Anarquia não é só uma ideia abstrata, tampouco se reduz a um monte de belas palavras assentadas nos clássicos anarquistas. A Anarquia e a ação direta é uma maneira de viver consequentemente que começa no cotidiano das coisas mais simples e se vai completando em cada um dos ataques contra o sistema, em cada incêndio contra as leis, em cada explosão contra os guardiões da ordem.

Esta batalha não conhece trégua nem cansaço. Esta batalha somos nós mesmas. É a Anarquia vivida em primeira pessoa e no presente. Não queremos postergar para amanhã algo que pode nascer hoje.

Foi mais ou menos assim que @s companheir@s que já nos conhecíamos e outr@s mais que se foram somando através de experiências comuns nos círculos anarquistas de práxis, realizamos uma série de reuniões conspirativas com o objetivo de armar nossos desejos.

Durante estes encontros, entre risas e inquietudes, pensamentos e debates, desejos e ansiedades, planejamentos e estratégias, nasceu e entrou em jogo a ideia da *Conspiração das Células de Fogo*.

Desde o primeiro momento, como anarquistas de práxis, rejeitamos qualquer modelo centralista de organização que rebaixe nossa ruptura com todo o existente ao simples “dever combativo”.

Para nós a nova guerrilha urbana anarquista é a insurreição permanente, sem estereótipos, sem dogmas nem “vanguardas revolucionárias”. A CCF foi, é e será, uma rede informal de células autônomas anarquistas de ação direta, livre de centro diretivo. Uma rede que luta pela Anarquia aqui e agora. Com a Conspiração abandonamos definitivamente o perfil baixo das velhas agrupações da anarquia incendiária e passamos à uma luta permanente contra o Poder, sem deter-nos diante das consequências penais. Somos guerrilheir@s urban@s anarquistas e não advogad@s para nos preocupar com as leis dos nosso inimigo. Tiramos do pescoço o nó da mediocridade e da derrota e colocamos sobre a mesa todos os nossos planos. Incêndios, expropriações, sequestros, execuções políticas, sabotagens e comunicados fazem parte da guerra que declaramos contra o Estado, o Poder, sua civilização e sua sociedade. O uso de um nome permanente, o da *Conspiração das Células de Fogo*, não tem a ver como o centralismo próprio dos partidos armados e das organizações marxistas.

Para nós, a CCF, como já escrevemos, é uma corrente de ideias e práticas que se vai expressando com a ação direta anarquista. Mas isto não significa que queremos nos perder na confusão e vagueza de um movimento anarquista difuso e pouco concreto. A CCF se identifica com a tendência insurrecional, anarco-individualista e anti-social da Anarquia e não tem nada a ver com o anarco-sindicalismo, nem com as ortodoxas e antiquadas propostas anarquistas sociais do especificismo na Grécia. Cada uma das células que assume o nome da Conspiração, na Grécia, no México ou em qualquer lugar do mundo, desde sua perspectiva e de sua própria e autônoma maneira de projetar-se, consolida e afia esta tendência. A tendência anárquica que não espera pela repressão do Estado para defender-se, mas que passa ao ataque primeiro, agora e sempre

.3. Como vimos, particularmente na Grécia, suas discussões sobre a tendência anarquista anti-social, tem causado muitos debates no interior das organizações formais, as forçando a tomar uma posição sobre esta postura. Podem nos explicar qual é sua concepção da tendência anarco-niilista e a perspectiva anti-social, e como esta especificamente se relaciona com a luta?

Vivemos em um mundo que superficialmente está se transformando, mas cuja essência segue sendo a mesma. A crise econômica e seus períodos de transição, o progresso tecnológico com suas novas “conquistas” e a civilização dominante com seus inúteis objetos de consumo, são parte dessas mutações superficiais do mundo do Poder. Seu coração, no entanto, permanece congelado e inalterável, sendo um organismo vivo que reproduz a exploração e o tédio organizado. A maioria das teorias revolucionárias, incluindo também algumas das tendências anarquistas, vem se concentrando exclusivamente na questão da exploração econômica exercida pela dominação. Tanto em seu modo de agir como em seu discurso, separam “o político” do “pessoal”, separam a exploração da opressão e o tédio e a luta dos desejos. Ao centrar-se somente na economia, estes círculos inevitavelmente produzem novas crenças ideológicas e cientificismos dogmáticos, que substituem o modelo capitalista com um “programa político revolucionário”.

Hoje em dia - dada a crise econômica - no interior do denominado “movimento” anarquista grego, vão aumentando mais e mais as opiniões regressivas em favor da autogestão dos meios de produção e das assembleias populares. Tudo isto em resposta ao saqueio das condições econômicas das nossas vidas cometido pelo Estado e pelos patrões. Muito poucas são as que falam e propõem uma liberação ante a degradação de nossa existência. Existência que hoje é avaliada segundo a posse de objetos mortos. Portanto, a questão para nós não radica em se vivemos mais ou menos pobremente, mas se aceitamos continuar vivendo de uma maneira que nos imobiliza.

Apesar de tudo, vemos ao redor tanta gente, incluídos os pobres, os operários, os desempregados e os imigrantes, que vive aferrada a este mundo e sua civilização como se fosse o mais precioso que têm. Por isso nós, como anarquistas-niilistas, consideramos que o maior problema das revoluções não é a tomada do poder, e sim dar um final definitivo ao Poder, derrogar o Poder em si da sociedade humana.

Consideramos que não basta com uma aproximação a igualdade centrada somente na economia, como tampouco basta com nos dedicar a ideologias indulgentes que oferecem sempre uma desculpa para a imobilidade e a passividade do “povo desafortunado”. Ademais, é este povo “pobrezinho” e “oprimido” quem a cada 4 anos vota por seus tiranos; é o “povo” quem vê em seus chefes um modelo a imitar, é o “povo” que entra em êxtase com a droga do consumismo, é o povo quem aceita como religião a propriedade, é o povo quem pede “mais

polícia, mais polícia rodoviário, mais cárceres...” Justamente baseando-se nesta crítica é que irrompe a tendência anarquista-niilista e sua perspectiva anti-social.

Para começar, o anarco-niilismo unifica o político com o individual, unifica a lógica com o sentimento, a teoria com a prática, o do agora com o aqui e, ao fazê-lo, deixa inválidas as separações que dividem artificialmente nossas vidas. Não podemos ver a crise econômica como algo separado da cultura do tédio organizado, nem tampouco podemos ver o Poder como algo que não vai de mãos-dadas com a passividade da sociedade que o aceita. Unicamente liberando os significados em sua totalidade nos liberaremos a nós mism@s. Afastados dos cálculos científicos, as vanguardas iluminadas, as análises centradas na economia e as profecias revolucionárias sobre a luta de classes- que supostamente “vem chegando”- o niilismo estala aqui e agora. Por isso, com o questionamento e a crítica niilista, estamos saqueando e destruindo cada pedaço de esperança em um futuro mundo melhor. Porque na realidade todos esses romanticismos ideológicos esperançosos de uma futura revolução, funcionam coercitivamente ante a destruição concreta do Poder aqui e agora. Quem sonha com o que virá amanhã, hoje -na prática- é um espectador passivo do que acontece em sua própria vida, continua sem atuar. Por isso dizemos que o niilismo é uma faca de dois gumes. Por uma parte esfaqueia ao velho mundo do Poder e pela outra degola toda ideologia revolucionária que profetiza utopias e futuras revoluções de massas.

O niilismo acelera o conflito com o Poder em sua totalidade e o situa diretamente em nossa vida cotidiana. É uma maneira de questionar, de modo conceitual e prático, todos os valores dominantes da civilização e da sociedade. É um método que faz factível a Anarquia no presente, longe das vagas esperas e “condições maduras”. É um passo firme que estende nossa rebeldia além dos estreitos limites da luta contra o Estado; porque a destruição material do Estado é só uma parte da liberação de nossas vidas. Além disso, através do nihilismo, queremos destruir também as percepções autoritárias que habitam em nós mesm@s e vão envenenando nossos valores e nossas relações.

Por isso, quando golpeamos objetivos do sistema, nossa ação direta e nosso discurso não se limitam unicamente à polêmica anti-estatal, senão que vão ampliando-se até uma crítica cada vez mais complexa direcionada também contra a sociedade e seus valores. Naturalmente, ao referir-nos ao conceito de sociedade, não temos em mente a soma de todas as pessoas, mas as majoritárias e socialmente reconhecidas condutas que apoiam e reforçam a civilização do Poder. Falamos da opinião pública, as estatísticas, a cultura de massas, a multidão alienada, o silêncio, a passividade, a imobilidade e a indiferença que caracterizam uma pessoa contemporânea e voluntariamente escrav@.

Como anarco-niilistas odiamos tanto a mão que sustenta o chicote quanto as costas que o suporta e aceita passivamente o flagelo sem reagir. Desmontamos e minando todos os valores da civilização, anulamos a ditadura da economia deixando-a inválida, derrubamos as cidades de massas e seu urbanismo autoritário, atacamos o saqueio da natureza e a exploração dos animais, entorpecemos as situações dogmáticas e rejeitamos a religião d@s cientistas. Só a contínua e impiedosa destruição-criação faz com que a vida seja fascinante. O permanente questionamento niilista, por meios de textos, balas ou explosivos, ataca o tédio organizado, filho da cultura dominante de “identidade”.

Assim, através da Anarquia, criamos um mundo que está permanentemente alternando, um mundo completamente diferente. Aí - onde após alguns estalidos intelectuais e emocionais- a tensão encontra sua duração. Aí, aonde se vão traçando novas relações, fazendo desaparecer velhas tradições e coibições. E também os novos valores que surjam do anarco-niilismo, em um momento crítico quando levado em consideração um fato concreto, deverão apontar para

si mesmos e autodestruir-se, criando assim novas surpresas, novas perspectivas.

Todo o velho e estável tem que ser golpeado. Promulgamos a beleza e a paixão do momento em que algo novo começa do zero. Evitamos a covardia e a certeza de investir nossa energia em coisas que logo vão proclamando suas próprias verdades eternas. As lembranças mais fortes são as que vão se alternando e não aquelas que ficam presas no hábito do tempo e nas armadilhas do Poder. A lógica e a emoção se dissolvem juntas e logo são reescritas com as intermináveis rebeldias da Anarquia. Unicamente o mortal e perecível está vivo e tem valor. Por isso afirmamos que o niilismo é a vontade da criação e da destruição anárquica. Um baile de sentidos e emoções vindos das práticas insurrecionais, um baile que não termina nunca...

4- ¿Como reagiram outros grupos de ação anarquista na Grécia ante sua postura anarconista?

Para responder esta pergunta consideramos muito importante fazer um breve histórico, uma espécie de “cartografia” da corrente anarquista na Grécia. A corrente anarquista grega aparece como tendência política autônoma particularmente nos anos 80, sendo seus pontos de referência o bairro ateniense de Eksarhia, a música punk, a postura e a mentalidade anti-policial, o antifascismo, etc.

No entanto, no que se refere à formação e/ou elaboração de uma percepção claramente anarquista, o terreno foi bastante difuso. Com exceção de alguns editoriais e uns quantos projetos específicos, em geral reinava uma marcada confusão ideológica nos círculos anarquistas. Uma confusão que segue sendo palpavelmente parasitária e que ainda se mantém ancorada no interior da corrente anarquista. Expliquemos um pouco de que se trata: na Grécia, grande parte do meio anarquista se comportou como o filho ilegítimo do esquerdismo extraparlamentar e suas ideologias. Esta tendência anarquista nunca se despediu dos resíduos da tradição esquerdista e ridiculamente ainda a conserva dentro de si. O uso de palavras de ordem, sua mentalidade e as próprias temáticas das quais se ocupa sempre se aproximam da ridiculidade e das crenças próprias do esquerdismo. Não são poucas as vezes em que estes “anarquistas” co-existem harmonicamente e colaboram com sectores esquerdistas, seja em lutas trabalhistas (sindicatos de base) ou em protestos locais (comissões de vizinhos, assembleias populares, etc.). E mais, durante os julgamentos contra companheiros anarquistas detidos de vez em quando aparece toda uma passarela de “personagens” da Esquerda e académicos solidários (até um ou outro parlamentar...) que são chamados como testemunhas da defesa para oferecer ao “acusado” circunstâncias ideológicas atenuantes. A *Conspiração das Células de Fogo* é uma das poucas exceções, já que durante nosso julgamento não aceitamos esta espécie de armadilha do tipo “circunstâncias atenuantes” da defesa esquerdista. Não procuramos defensores esquerdistas, senão unicamente nossos cúmplices: os anarquistas de práxis.

Não é casualidade que o desenvolvimento do pensamento e a própria trajetória de um setor da corrente anti-autoritária grega tenha referências comuns com os esquerdistas (anti-americanismo/anti-imperialismo, autonomia operária direta, assembleias populares, iniciativas de vizinhança, poder popular, etc.). Ao mesmo tempo, nos círculos anarquistas as vezes se aninha –umas vezes de maneira solapada e outras de forma visível–, a ideologia do vitimismo (as montagens do Estado contra *inocentes combatentes*, espancamentos e facadas dos fascistas *contra pacíficos manifestantes*, etc.). Deste modo, se cria a (pouco inspiradora) imagem do meio anarquista instalado em uma posição de defesa permanente. Não é mentira que o Estado muitas vezes tenha fabricando montagens policiais, tampouco é falso que os fascistas agridem as pessoas; mas isto é só uma meia verdade. A outra metade é que neste mesmo instante estamos aqui no cárcere, um grupo de anarquistas de práxis que orgulhosamente assumimos a responsabilidade por

nossa participação na nova guerrilha urbana, e isso sem necessidade de “montagens” policíacas. Agora mesmo mandamos muitos fascistas para o hospital, enquanto suas guaritas foram incendiadas, destroçadas ou dinamitadas em várias ocasiões.

Reconhecemos que a lógica do vitimismo e a denúncia, sendo uma das estratégias bastardas do esquerdismo, são empregadas para ganhar a simpatia da população. Mas enquanto alguns preferem se defender continuamente, nós consideramos que a melhor defesa é o ataque. Muitas das pontas de lança da Anarquia – que de fato tem colocado em marcha a guerra contra este mundo – ficam ausentes no seio da corrente anarquista grega. Por exemplo as práticas contra a exploração da natureza e os animais, o conceito anti-civilização ou a crítica anárquica contra a tecnologia atualmente só preocupam e ocupam uma tendência minoritária do “movimento” anarquista, que – uma vez posta a prova pelo transpasso da teoria para a prática – se torna ainda mais minoritária.

Agora bem, no referente a tendência anárquica incendiária, uma grande parte da mesma parece como se, consciente o inconscientemente, fosse tomando a postura de uma vanguarda marxista. Em seus comunicados reciclam sempre as mesmas coisas, pronunciando-se *em nome do povo* ou *d@s oprimid@s e explorad@s*.

Hoje especificamente, devido a crise econômica e social, a tendência anarquista social e seus componentes depositam suas ilusões no esperado “*despertar das massas*” com a mesma certeza que *@s* cristãos fazem quando nos falamos do paraíso celestial prometido por seu deus. Estes círculos do anarquismo social veem a si mesm@s como anarquistas só na teoria, na prática se conformam com estar presentes em mornas assembleias carentes de energia, transformando a Anarquia em uma proposta reformista e alternativa, mais preocupados em ganhar a aceitação social que em concretizar o ataque. Para muit@s *dest@s* é mais importante montar uma creche alternativa ou um restaurante autogestionado do que pensar as mil maneiras possíveis de atacar o sistema de dominação. Deste modo, se reconciliam com o medo da repressão e se consideram em posição de resistência e defesa, também proclamam que a violência anarquista deve estar sincronizada com o relógio do “*grande despertar das massas*”.

Nós, de maneira consciente e demonstrativa, damos as costas a semelhantes ilusões, as mesmas que normalmente também ocultam a covardia de seus partidari@s. Não ofereceremos nem um minuto de nossas vidas a espera de que o povo atrasado se conscientize e acorde! Se *@s* oprimid@s não estão preparad@s para empunhar o machado da guerra, é problema d@s oprimid@s. Estamos em pleno coração da batalha e deixamos para trás o ponto em que qualquer volta era possível, a aparição da *Conspiração das Células de Fogo* provocou, a princípio, uma grave e fastidiosa dor de cabeça nestes círculos e tendências reformistas que ainda existem no interior da corrente anarquista grega. A ação e a palavra da *Conspiração* – com os contínuos ataques e o cinismo que caracteriza a nosso ponto de vista nihilista e anti ~~social~~ modam os costumes e tradições d@s anarquistas obsoletos. Anula as inibições e desarma as desculpas que “a necessidade de um movimento de massas para que a insurreição anarquista seja factível” invocam. Nós dizemos que a hora é agora e o lugar é em qualquer parte em que estivermos. Não protelamos para amanhã algo que podemos fazer hoje. Um grupo decidido e minoritário de anarquistas de práxis é mil vezes mais eficaz que a falta de firmeza de um gentio covarde e submisso de oprimid@s. Não temos nenhuma razão para esperar ninguém. Por isso os grupos “formais” e “oficiais” do anarquismo tradicional lançam fortes críticas contra nós. A princípio tentavam desdenhar e isolar o surgimento da *Conspiração* e de toda esta nova tendência informal que com ela se expressa. Achavam que éramos temporários. Mais uma tentativa que rapidamente acabaria. Mas a progressão dos ataques da *Conspiração*, seus comunicados, assim como o surgimento de incontáveis grupos da nova Anarquia, alarmou e inquietou *@s* anarquistas caduc@s. As polêmicas sobre nós rapidamente se

converteram em uma avalanche de calúnias.

O ponto culminante desta polêmica entre nós e o anarquismo “oficial” se deu com os fatos do 5 de Maio de 2010. O incêndio de um banco e a morte de 3 de seus empregad@s foi atribuído à tendência anarconista/anti-social, representada por isso quando a Conspiração da primeira fase já havia passado para a clandestinidade, já que a maioria de seus membros estava com ordens de “busca e captura” expedida pelas autoridades. Ou seja, uma grande parte do anarquismo “oficial” não só se absteve de expressar sua solidariedade com @s companheir@s procurad@s, como também os acusavam de serem @s autores morais do desafortunado incidente da morte d@s 3 funcionári@s do banco. Naturalmente a situação não mudou depois da nossa detenção. A solidariedade dos “velhos” círculos anarquistas com a célula d@s membros da CCF encarcerad@s é quase inexistente. Do lado oposto disso está a tendência minoritária da nova Anarquia, que mantém a chama da luta anárquica e a solidariedade acesas. Quando a nova guerrilha urbana começou a se formar, a Conspiração foi criando uma rede informal de colaboração entre @s anarquistas de práxis. De repente se suscitou uma difusa onda de ataques incendiários, quase todos os dias uma ou outra célula presenteava a noite com seu fogo, queimando bancos, concessionárias, furgonetas das empresas de segurança, câmeras, etc.

Em 2009, uns 5 ou 6 grupos identificados com a nova Anarquia organizaram uma coordenação para golpear objetivos que representam o dogma da “segurança cidadã”. Também a CCF tomou parte deste accionar, colocando artefatos explosivos em duas delegacias, uma em Atenas e outra em Tessalônica. Ao mesmo tempo, em muitas reivindicações de ataques da nova guerrilha urbana, apareciam saudações solidárias, referências e até extratos dos textos de outros grupos da mesma tendência. Desgraçadamente, depois das primeiras detenções em Halandri (entre elas a de um membro da CCF), esta tendência acabou se debilitando e retraindo, já que muitas pessoas se assustaram, afastando-se para as seguras e estancadas águas do anarquismo tradicional. O que é realmente alentador é que neste mesmo momento em que escrevemos estas linhas, a tendência anarconista/anti-social está se recuperando, já que nov@s companheir@s decidiram abandonar a ridicez da “paleo-anarquia” e se transformar em anarquistas de práxis. Continuamente aparecem novos grupos e células que vão atacando e fortalecendo a proposta da *Federação Anarquista Informal* e a *Frente Revolucionário Internacional (FAI/FRI)*, paralelamente, foi criada a *Conspiração das Células de Fogo* segunda fase, com novas células que incendeiam, iluminando as tranquilas noites da metrópole.

5-Consideram que as campanhas específicas são frutíferas? A luta contra os cárceres ou contra algum projeto específico do capitalismo, por exemplo?

Começaremos com uma frase que contém todo o significado da insurreição permanente anárquica: “*Nem a vitória, nem a derrota são importantes, só o belo brilho de nossos olhos em combate.*” A guerra anárquica contra a cotidianidade do Estado e a máquina social não cabe nos livros de contabilidade que “somam” e “subtraem” perdas e ganhos. O que em realidade conta é a força que sentimos cada vez que não agachamos a cabeça, quando derrubamos os falsos ídolos da civilização, quando nossas miradas se encontram com as de noss@s companheir@s durante as trajetórias ilegais e cada vez que nossas mãos semeiam o fogo contra os símbolos do Poder. Nesses momentos não nos perguntamos “Ganharemos? Perderemos?”, simplesmente lutamos.

Além de isto, desde o momento em que falamos da guerra, é necessário nos organizar e traçar a estratégia de ataque. Diante do Poder e sua ideologia da ordem, que se sustentam

sobre o exército, a polícia, os julgamentos, os presídios, o espetáculo, o dinheiro e o silêncio de seus súditos, queremos que nossos ataques sejam a areia que atravança as engrenagens da máquina social. Para que isto aconteça temos que nos comunicar, planejar e atacar primeiro. Isto não significa que cumprimos com algum “sagrado dever revolucionário” que tem como objetivo libertar o “povo oprimido”. Simplesmente significa que tomamos nossa vida em nossas mãos e não aceitamos viver como escravos do império do Poder. Sabemos que o poder não é uma besta de gelo, que cairá de um golpe certo no coração. O poder está disseminado por Toda a fábrica social e habita os corações e as consciências de seus súditos. Usando como estratégia as campanhas específicas (por exemplo, contra o sistema penitenciário ou contra o saqueio da natureza e dos animais), podemos causar um verdadeiro curto circuito à normalidade da fábrica social.

Uma campanha contra os cárceres, por exemplo, que inclua cartazes e textos contra o encerro, sabotagens e incêndios em empresas que constroem as prisões e/ou suprem com mantimentos, cartas para anarquistas pres@s, atentados contra carcereiros e prefeitos, ataques explosivos contra juízes em solidariedade aos prisioneir@s anarquistas; sem dúvidas, é uma campanha forte que seguramente vai causar fissuras nos muros carcerários. Todas estas movidas são capazes de bater no regime de cativo e criar situações imprevisíveis no interior das prisões, inclusive pode ajudar noss@s companheir@s a fugir.

Evidentemente, tal campanha forma parte da insurreição permanente anárquica e promulga sua difusão. Simultaneamente, uma organização guerrilheira urbana anarquista ou individualidades que optem pela estratégia “das campanhas”, devem ter cuidado para não cair na armadilha da especialização. Consideramos que por meio do ataque, @s anarquistas de práxis somos capazes de atingir as milhares de cabeças que o Poder ostenta. Não nos centramos em uma só direção ou em um só tema (por exemplo, a luta anti-fascista) que limite nossa ação e conteúdo político. Isto significa que atacamos aos fascistas, assim como também atacamos os bancos, os ministérios, as delegacias, a religião e o Estado. Enfatizamos isso porque na Grécia existem grupos e assembleias anti-fascistas que não se ocupam de outra coisa que não seja o antifascismo. Esse grupos, de fato, poucas vezes confrontam diretamente os fascistas, depois tampouco optaram pela ação em solidariedade com @s pres@s anarquistas ou atacando os símbolos do Poder.

Deste modo, as aproximações e análises que se focam um só tema, as vezes, terminam no imobilismo, fazendo valer pouco a teoria, incapazes de olhar além de seus estreitos limites. Outro exemplo que se destaca na Grécia são certas infraestruturas que montam unicamente campanhas contra as carceres.

Estes grupos costumam idealizar @s pres@s como sujeitos antiautoritários, sem compreender que a população carcerária é formada por toda uma mistura de condutas e atitudes contraditórias. Evidentemente, nos encontramos no lado oposto de muit@s d@s pres@s (racistas, fanátic@s religios@s, caguetes, submiss@s, sexist@s, etc), que não merecem a menor solidariedade, mas todo nosso repúdio e inimizade.

Outra coisa muito diferente é quando um grupo guerrilheiro anarquista ou individualidades anárquicas, decidem empreender uma campanha focada em um tema específico durante um período específico de tempo (por exemplo, contra as prisões, contra a destruição da natureza, ou contra o fascismo), e outra, quando seu núcleo se ocupa única e exclusivamente de um tema específico, seja qual for, sem que lhe importe o desenvolvimento da guerra que proclamamos contra a sociedade autoritária. Somente a totalidade do ataque é capaz de liberar, em seu conjunto, a destruição do sistema que nos afoga a todo momento. A totalidade da ação combativa inclui três pontos medulares que expusemos na proposta pela expansão da FAI/FRI: *a ação direta, a crítica anti-social e a solidariedade internacional.*

6- Atualmente vem se desenvolvendo um intenso debate em torno da “informalidade anárquica”. De um lado, estão @s que reivindicam o anarquismo clássico ou tradicional e fazem a crítica à organização informal, argumentando que esta não é uma forma válida de se organizar e que, na realidade, requer um projeto específico. Do outro lado, estão @s “mestr@s” insurrecionalistas, que se mostram a favor da organização de massas desde uma perspectiva individual e afirmam que a informalidade está sendo distorcida, desembocando em supostas vanguardas e grupos especializados, atacando abertamente a núcleos como a CCF, FAI, CARI-PGG, ITS, etc; ao não considerar apropriado emitir comunicados que, segundo seus argumentos, caem invariavelmente na especialização, ou se apresentam como @s iluminad@s ante as massas. Como pres@s em guerra integrantes da CCF, qual é sua perspectiva sobre a informalidade? O que representa para vocês a “informalidade anárquica”? Consideram importante comunicar suas ações? Por que?

Para nós, autodenominar-se anarquista não é portar uma plaquinha ideológica acompanhada da clássica verbosidade filosófica. A anarquia é uma guerra permanente contra o Poder. E nesta guerra a simples intenção de querer destruir o Estado e sua civilização não bastam. Precisamos comunicar nossos desejos, organizar nossas negações, planejar nossos ataques e traçar os planejamentos da estratégia caótica para propagar o desordem e a Anarquia. Para isso os grupos de ação direta são necessários, instigando, aqui e agora, o conflito contra o Poder. Sem esperar que, em um futuro indefinido, as massas estejam conscientizadas. A vida é uma só, e vale a pena vivê-la com toda paixão.

Não entanto, o conceito de organização e de grupo nos faz pensar nos modelos de organização hierárquicos, com suas lideranças, membros, seguidores, elementos periféricos e demais personagens previsíveis que o Poder engendra. As organizações revolucionárias marxistas, por exemplo, reproduzem em seu interior a cultura hierárquica substituindo os velhos ídolos do Poder pelos seus. Como anarquistas, queremos destruir toda forma de Poder. Por isso, quando afirmamos que temos que nos organizar, o fazemos desde uma perspectiva anárquica, atacando todas as formas possíveis das estruturas organizativas hierárquicas, derrubando os axiomas, os papéis estáticos e divisões. Uma organização anarquista informal é uma experiência viva de relações humanas, sem lideranças, membros nem seguidores.

Detestamos as regras; odiamos os costumeiros chamados a “temos que” como dizem as lideranças; e reprovamos o conceito de dever, tudo isto reduz a batalha pela liberação a um *“manual do uso da Anarquia”* e no conduz para uma nova coação. Por isso apoiamos e promovemos o uso da informalidade anárquica como modo de organização.

Uma organização informal anarquista flui como a água e está sempre adquirindo novas formas, dependendo da ação que queira realizar. Cada companheir@ envolvid@ não é um “membro alistado” e continua mantendo sua autonomia e individualidade. A organização informal promove conceitos como a iniciativa individual, o diálogo aberto e o desacordo, que conduzem à evolução e coletivização dos desejos que estão se armando para virar prática. A organização informal anarquista está em constante movimento e se mantém longe dos dogmatismo e verdades revolucionárias, já que a imobilidade é inimiga da liberdade. Da água estancada só se pode esperar putrefação e veneno. Nesse espírito e com esses valores, surgiu, se organizou e continua existindo, a CCF; não como vanguarda nem grupo especializado, mas como a faísca que - gostaríamos que assim fosse também com FAI/FRI - se estenderá como chamarada até atear fogo no mundo moderno e sua civilização. Nos últimos tempos, cada vez com maior frequência, surge o debate em torno da necessidade (o não) de emitir comunicados assumindo a responsabilidade dos ataques contra a dominação. @s defensores da abolição dos comunicados sustentam que as práticas rebeldes

falam por si mesmas e por isso não precisamos de muitas explicações. Basta com “*a escolha correta dos objetivos e dos meios*”, com sublinhar, para que os atos combativos não precisem ser acompanhados de uma reivindicação. Nós da CCF pensamos o contrário.

Consideramos que a prática sem a teoria é incompleta e pouco válida. Ainda que tenhamos selecionado cuidadosamente o objetivo para um ato combativo, eleito os meios mais adequados para o ataque, ainda tendo levado em consideração os menores detalhes, queremos que nossas ações sejam sempre acompanhadas pela nossa voz. Principalmente hoje em dia, em uma época de notícias duvidosas, anúncios, notificações, ordens e proibições, nos parece indispensável falar sobre as nossas práticas, porque consideramos que nenhum ataque é capaz de falar por si mesmo.

Também que nos círculos anarquistas existem diferentes tendências que, ainda que falem o mesmo idioma do fogo e do ataque, as vezes querem expressar significados diferentes. Consideramos que, por exemplo, ao incendiar um banco sem a respectiva reivindicação perde-se parte de seu potencial ao se “auto censurar”, o que permite infinitas interpretações e conclusões confusas. Então se @s incendiári@s te origem no âmbito do anarquismo social, possivelmente com este ataque queiram expressar sua raiva contra o sistema capitalista, enquanto, simultaneamente, talvez estejam sendo solidários com os setores oprimidos da sociedade que vivem sob a ditadura dos bancos. Mas se @s incendiári@s, são anarco-individualistas e/ou anarconihilistas, então um banco em chamas, além de ser um ataque contra o sistema bancário, seguramente também representará uma mostra de hostilidade contra essa multidão de súdit@s que, com seu silêncio e passividade, apoia o poder que o dinheiro exerce em nossas vidas. Além disso, a ditadura dos bancos foi construída sobre os desejos das massas consumidoras, sobre os desejos de obter maiores propriedades, realizar mais compras, materializar mais ilusões.

Por isso, consideramos importantes as reivindicações. Uma reivindicação não expressa necessariamente a “verdade iluminada” de alguma elite vanguardista mas, pelo contrario, é uma maneira de comunicação por parte d@s companheir@s que carregam suas palavras com fogo. Tampouco existe separação entre @s perpetradores do ataque e @s leitor@s da reivindicação, já que cada reivindicação não é simplesmente um conjunto de palavras escritas sobre um papel em branco, mas a instigação para a batalha, instigação dirigida a cada um@, destruindo os estereótipos e o mito da “especialista da violência”. Por isso, afirmamos que a discussão em torno na reivindicação é só um fragmento de um debate muito mais amplo quenão acaba com este tópico, apenas começa. Para terminar, permitam-nos parafrasear uma cita que expressa o que sentimos: “*Dos @s teóric@s que não vivem uma vida rebelde, nada do que propõem vale a pena ser lido, e @s ativist@s que não acompanham seus atos com um discurso correspondente, mutilam e auto-censuram seu acionar, o empobrecem*”. Teoria e prática são conceitos que, juntos e expressados de maneira bem concisa, cortam como uma faca bem afiada.

7-Fazem poucos meses surgiram, no México e em outras partes do mundo, novas células identificadas com o projeto da *Federação Anarquista Informal (FAI)*, enquanto outros núcleos e grupos já existentes também se assumiram como participantes ativ@s do chamado da FAI. Isso representa um incremento do potencial da ação anárquica a nível internacional, evidenciando que, 8 anos depois que do começo da FAI, se mantém ativa e conseguiu estender-se também fora de Europa. Qual é a opinião de vocês a respeito da adesão contínua ante o chamado da FAI e como acham que pode continuar crescendo e funcionando de maneira informal? Veem a necessidade de novas propostas ou reconsiderações sobre as já existentes para poder empreender novas campanhas, locais e internacionais?

Nosso nome é nosso coração, hoje nosso coração tem um nome e um de seus segmentos se chama *Federação Anarquista Informal (FAI)/ Frente Revolucionário Internacional (FRI)*. A FAI/FRI é um laboratório vivo de rebeldias anárquicas, criado por cada individualidade ou célula anarquista espalhada por todos os cantos do planeta. É uma possibilidade que oculta em seu interior milhares de possibilidades de ataque e de fuga da civilização e do cativeiro que vivemos diariamente. Esta experiência de organização informal começou sua viagem na Itália fazem alguns anos e hoje em dia é a conspiração internacional d@s anarquistas de práxis que logrou expandir-se por todo o mundo. Uma rede invisível de células disseminadas pelas metrópoles do planeta que, com sua ação, atravessa a prisão geográfica das fronteiras. Muitos litros de gasolina e quilos de explosivos nutrem os significados de nossas práticas (e o contrário), criando uma relação recíproca entre @s companheir@s que apoiam a FAI/FRI. Deste modo, os fragmentos de uma explosão no México e a fumaça de um incêndio em Buenos Aires, alcançam nossas celas na Grécia e esquentam os estepes da Rússia, para terminar nos cárceres da Indonésia, onde encontram-se sequestrados nosso irmãos Eat e Billy, da FAI Indonésia.

Ao contrário das experiências organizacionais do passado, a FAI se saltou do trem das reconciliações. É um instante que vem do futuro de um mundo anárquico vivido no presente. Um dos seus princípios básicos é a criação de um entramado de ataque, descentralizado e informal, que ao mesmo tempo assegure a autonomia de cada pessoa que participe nele. Ao contrário das crenças do passado sobre a vanguarda “armada” ou o “partido armado”, a FAI/FRI detesta as organizações centralistas e se aborrece com a linguagem rígida da “verdade revolucionária” única. É a expressão de toda uma série de formas e signos do conflito e os posicionamentos que evoluem continuamente e não estão controladas por um centro diretivo. Por isso, existem muitas maneiras de por em andamento a FAI e fortalecer a perspectiva da *Frente Revolucionário Internacional (FRI)*. Cada uma das formas de Poder que emanam dos parlamentos e despachos dos grandes chefes, cada uma das manifestações do Poder que fala, entretém, ordena e sorri desde as telas - com seus noticiários e seus anúncios comprados pela cultura do consumo, quebrada pela crise econômica e que no final termina envenenando nossas relações (de amizade, amorosas, de companheirismo)-, estão condenadas a receber o ataque impiedoso da FAI em qualquer rincão do mundo.

Quem deseja a Anarquia tem que atacar primeiro, sobretudo, as relações que cultuam os ídolos do Poder e falam o idioma da civilização. Por este motivo dizemos que a Anarquia vive no corações das relações humanas e as vai transformando continuamente, em um interminável processo de liberação, sem limites nem regras. Por isso cultivamos uma forte crítica contra todas as formas antiquadas e os velhos conteúdos que questionavam o mundo. O proletariado, a luta de classes, o comunismo e o sindicalismo são parte da reconciliação. Nem a crise econômica pode ser interpretada pel@s anarquistas de práxis empregando o mesmo idioma dos números, estatísticas e índice de desemprego.

A economia é mais que nada uma relação social. Se queremos atacar a crise econômica, primeiro temos que convertê-la em uma crises de valores. Golpear a civilização que põe o dinheiro acima de tudo, como um regulador absoluto de nossas vidas. Paralelamente, sabemos que esta procura por novas e liberadas zonas de expressão humana não se alcança só com palavras. Nada essencial pode ser construído sobre a verborreia e o intelectualismo. É necessário que nossas mãos acariciem o fogo, que nossos rostos se cubram com capuzes e nossas balas deslizem suavemente nos carregadores prestes a alcançar nossos inimigos. A FAI hoje se encontra em posição de realizar dezenas de ataques e realizar novas campanhas internacionais, liberando momentos, ânimos e gestos. Muitas das formas e propostas da FAI já foram provadas em certos ataques contra as forças de ordem. Por exemplo, faz pouco

tempo “*Amig@s de la tierra/FAI*” assumiram dezenas de incêndios realizados em Buenos Aires, entre dezembro e janeiro passado. Ou seja, uma célula da FAI pode inciar seus ataques de surpresa e assumir a responsabilidade por eles depois de terminado uma serie de golpes. Então, em uma única reivindicação, pode assumir a responsabilidade de uma serie de ataques realizados, com todos os significados interligados na luta contra o Poder. Esta tática da reivindicação única oferece a@s companheir@s a possibilidade de atuar de forma “invisível”, já que, se tivesse reivindicado o primeiro ataque, as autoridades policiais teriam sido capazes de intuir, desde o principio, que as dezenas de incêndios que estavam acontecendo eram parte de um plano de ataque organizado, enquanto desta maneira, a confusão ajuda a concretizar a obra do fogo. A reivindicação não deixa que os ataque se percam na vaguidade ou, como acontece normalmente, se distorçam devido a covardia da polícia política. Pelo contrario: ficam registrados como um ataque direto e organizado contra a civilização do Poder.

Outra estratégia que a FAI usa na hora de organizar e executar sabotagens é empregar a propaganda para preparar as condições do ataque. Uma ou mais células da FAI/ FRI podem, depois de debater entre elas, eleger e propôr um tema específico para empreender uma campanha de ações, publicando seus pensamentos e ideias na rede. Alguns d@s companheir@s poderiam, por exemplo, optar por focar na luta contra a exploração da natureza e dos animais, planejando ações contra a tirania das indústrias de “produção de carne”, contra o desmatamento, etc. Depois de fazer públicos seus posicionamentos sobre o tema, podem instigar outr@s companheir@s de práxis, já sejam integrantes ou não da FAI/ FRI, a contribuir com seus ataques no marco de tal campanha, em um diálogo recíproco concretizando-se na prática. Assim, seriam capazes de causar todo o dano possível em uma serie de golpes e sabotagens sucessivos contra os objetivos correspondentes, dando forma a uma coordenação informal internacional. Os comunicados sucessivos não tem por que ter a mesma tônica das posiciones iniciais da célula que instigou a desenvolvimento desta campanha. Seguramente, haverá divergências e/ou desacordos, mas com essa fricção alcançaremos novos horizontes de pensamento e multiplicaremos os momentos e os espaços livres, opostos ao sistema no qual vivemos.

A terceira tática de difusão do caos e da Anarquia são os chamados à solidariedade internacional com @s anarquistas pres@s, lançados na véspera de um novo julgamento ou como mostra direta de companheirismo com quem, devido ao cativo, está ausente das ruas iluminadas pelo fogo. Por que, como alguém escreveu de maneira tão acertada: *“quem esquece noss@s companheir@s prisioneir@s pela ação anárquica, terminará esquecendo a própria ação anárquica”*. Além disso, como sempre repetimos, a solidariedade entre @s anarquistas de práxis não é só de palavras, mas também de fatos.

Existem também temas pontuais que podem ser escolhidos autonomamente por uma ou outra célula da FAI, sem que tal escolha pré-suponha uma coordenação internacional. E, como já mencionamos, a FAI em nenhum momento desdenha a liberdade individual ou de grupo d@s que participam nas células da coordenação, pelo contrário: a favorece e promove. É preciso destacar que @s companheir@s da FAI não reconhecem fronteiras nem pátrias que limitem seus ataques. Por isso, tendo como perspectiva a flexibilidade de nosso movimento, é provável que em algum momento inesperado, pegando o inimigo de surpresa, alguns companheir@s viajem para outro país para atacar um objetivo específico. Isto nos dá capacidade de movimentar-nos invisivelmente, já que, como “turistas”, muitas vezes passamos despercebidos e não atraímos suspeitas da policia, possibilitando - durante os períodos de repressão forte em um determinado Estado (com detenções e encarceramentos de companheir@s anarquistas) - o “fator surpresa”, visto que a persistência de nossos ataques vão lembrando ao inimigo que a guerra continua.

Semelhante projeto naturalmente pressupõe que a célula que planeje realizar os ataques em um terreno desconhecido tenha suficiente experiência e saiba movimentar-se. Consideramos particularmente útil a publicação na rede de manuais que transmitam a experiência das lutas, mas que também nos informem sobre o uso dos meios que utilizamos para propagar a Anarquia. Necessitamos publicações que descrevam as operações repressivas e as montagens do Estado e da polícia, mas também que nos instruem e apresentem de forma metódica as maneiras de nos abastecer, fabricar e utilizar mecanismos explosivos com sistema de retardo por relógio, armas, etc. Sempre com precaução e evitando tornar públicas informações que possam ser utilizadas pela polícia, como, por exemplo, na hora de desativar os explosivos ou compreender a forma em que abordamos ou nos afastamos de um objetivo. Existem muitas coisas que não requerem a especialização militarista, mas simplesmente a vontade de materializar a ação e a maneira em que cada um@ descobre por si mesm@. Evidentemente, tem dezenas de truques capazes de fortalecer a experiência da FAI, infinidade de ideias que não foram mencionadas aqui ou que ainda não descobrimos. Este texto-resposta não é um manual de sabotagens e ataques anarquistas, e sim mais um convite para abrir um diálogo perigoso, um diálogo que deseja deixar em ruínas a civilização do Poder.

8-Como posicionam na Conspiração Internacional os contextos específicos dos diferentes grupos de ação? Aqui recentemente debatemos este tópico, devido a várias questões que surgiram a partir de fatos concretos. Um exemplo recente que se suscitou no México, em razão das entrevistas que companheir@s de alguns grupos de ação concederam para a imprensa capitalista, provocando a crítica de companheir@s de outras regiões, como Chile. Tod@s sabemos que em qualquer parte do mundo os meios de alienação capitalistas são nossos inimigos, no entanto também reconhecemos que os contextos variam segundo a região. Temos visto como a imprensa chilena trabalha de mãos dadas com o Estado, filmando companheir@s, seguindo, e espiando suas vidas privadas, além de ver como exploraram de maneira miserável e lamentável a morte do companheiro Maurício Morales. No México, como no resto do mundo, os meios massivos de alienação são cúmplices do Estado, mas também se destacam as qualidades éticas de pouquíssimas exceções em que vemos como, por brindar alguma cobertura a grupos subversivos ou por criticar abertamente o governo, alguns jornalistas são assassinad@s pelo Estado e seus lacaios paramilitares. Fazem alguns meses ocorreu um caso que exemplifica o que foi dito, quando duas jornalistas que faziam uma reportagem sobre a corrupção do governo foram encontradas brutalmente assassinadas e desnudas em um parque. Consideramos que os contextos podem variar diante das diferentes formas de repressão, pela situação sócio-econômica de uma região específica, a atitude da população e sua disposição para enfrentar as autoridades, etc. Vocês consideram que os análises dos contextos regionais tem importância ao levar a cabo nossas coordenações internacionais?

Lutamos em um ponto entre dois mundos. Entre este que não aceitamos e outro que ainda não existe. Trazemos o caos à sociedade da Ordem organizada. Nossos movimentos são constantemente observados por milhares de câmaras e armazenados como dados nos hds dos computadores policiais; nossos sentimentos são subornados constantemente por algum novo ídolo consumista; o entretenimento é comercializado incessantemente nos lugares multi-ambientais do espetáculo de massas; nosso pensamento é substituído cotidianamente por um sem fim de informações censuradas que os meios de comunicação nos vendem.

Como anarquistas de práxis, desejamos dinamitar e destruir totalmente tudo o que nos aprisiona e nos mantém cativ@s da civilização do Poder. Nossas palavras e atos destoam dos caminhos legais e, mediante a guerrilha urbana anarquista, deixam pegadas de fogo a cada

passo. Um passo que constitui o cruzamento internacional da rebeldia anárquica. Aí, onde @s companheir@s - ainda que falem idiomas diferentes, tenham distintas experiências e venham de lugares remotos - no fim estão se comunicando, sendo a ação orientada para destruição total deste mundo seu denominador comum.

Aqui costuma surgir a interrogante que vocês propõem em sua pergunta. O que acontece quando @s companheir@s se veem diante de conteúdos e temáticas de luta em que temos uma aproximação diferente? Sem dúvidas é indicativo o caso que estão nos descrevendo, em que alguns companheir@s mexican@s responderam a uma entrevista de jornalistas da imprensa do regime, com sua consequente crítica por parte d@s companheir@s chilen@s. Obviamente sobram as contradições internas entre @s companheir@s que participam na conspiração anarquista internacional. Contradições que as vezes surgem devido ao fato de que nos países em que vivemos existem situações diferentes. No Chile, por exemplo, estão @s indígenas Mapuche, com sua luta pela autonomia, enquanto na Grécia não existe uma experiência similar. Além disso, cada país tem sua própria herança radical, que queremos utilizar, superar, saquear e/ou desviar.

Isto é característico, no caso de uma parte do anarquismo na Grécia que está confundido pela sua herança esquerdista. E é que, de fato, vem da esquerda. Deste modo, muitos assuntos que se dedica o âmbito anarquista, e suas correspondentes propostas, normalmente tem como referência um modo de pensar reformista e esquerdista. Por exemplo, agora nos tempos da crise econômica, uma das consignas anarquistas mais populares é: *“terrorismo é ter que procurar trabalho, nenhuma paz com os patrões”*. Este verdadeiro slogan constitui uma mutação de um velho slogan anarquista: *“O verdadeiro terrorismo é a escravidão assalariada, nenhuma paz com os patrões”*. Ou seja, aí onde a velha crítica anarquista combatia a própria condição coercitiva e forçada do trabalho, agora se acomoda ao reformismo, defendendo nada mais e nada menos que “o direito ao trabalho”. Afirmamos isso porque consideramos que as palavras “Anarquia” e/ou “anarquista” acabam constituindo etiquetas políticas que não dizem nada. Não basta declarar-se anarquista, tem que se atuar como anarquista. Com nossa prática fazemos destacar nossos significados e conteúdos. Voltando a sua pergunta, consideramos que vale a pena construir pontes de comunicação entre @s companheir@s de ação, apesar de todas as nossas diferenças. Sabemos que nos separam não só as grandes distâncias que dividem os bairros de México, as ruas gregas e as planícies da Rússia. Estão também a cultura e as singulares costumes de cada região, as diferentes vivências, as distintas experiências e os distintos caminhos que cada um@ de nós escolheu para assumir-se inimigo interno no território do Estado em que residimos. A aposta que fazemos mediante as redes de comunicação anarquista, como a FAI/FRI e a *Internacional Negra*, é uma exortação ao diálogo aberto sobre posicionamentos, propostas e valores. Um diálogo que em lugar de reduzir nossa comunicação ao típico, formal predeterminado acordo sob as regras e funcionamento de uma estrutura centralizada, favorece o desacordo e a sínteses, a tensão e a evolução sem limitar a autonomia individual. Um exemplo característico é nosso caso, da célula dos integrantes da CCF que estamos encarceradas. Comunicando e dialogando com @s companheir@s anarquistas a nível internacional, temos ampliado nosso pensamento e nossa crítica sobre muitas temáticas que até então nos eram relativamente desconhecidas. Nos meios anarquistas da Grécia existem poucas referências a várias questões, por exemplo, a temática anti-civilização e todo o referente ao domínio tecno-industrial. Alguns grupos anarquistas de ação direta que ainda existem por aqui até agora parecem ignorar todos estes aspectos do Poder, da mesma maneira que nós, @s integrantes da *primeira fase* da CCF, ignorávamos.

Então, depois de comunicar e intercambiar reflexões com outr@s companheir@s (como agora com vocês), novos desafios vão se abrindo ao pensamento e à prática que fazem mais

agudas as análises e a crítica da nova guerrilha urbana anarquista e promovem o caos insurrecional. Consideramos que de igual modo nós também estamos contribuindo para este desenvolvimento, com novas considerações e propostas, como as expostas em textos como “*Fuego y polvora*”¹, “*El sol continuará rayando el alba*”² e a presente entrevista, pois em nosso debate com @s companheir@s da “*Conspiración Acrata*” falamos sobre nosso ponto de vista sobre a luta armada, guerrilha urbana e revolução a partir de uma perspectiva anárquica.

Enfim, consideramos que entre @s companheir@s de práxis existe uma espécie de enlace vivo, uma sólida relação que não pode ser rompida com as contradições nem com os contrastes internos que se apresentam. Em nenhum caso preferiríamos um “doce” e harmonioso modelo unitário, próprio das federações anarquistas oficiais. Não procuramos na multidão um crescimento quantitativo, mas a cumplicidade d@s companheir@s. Portanto, o que propomos, caso surjam ou se incrementem as diferenças, é colocar na mesa, de maneira aberta, através de um diálogo público entre @s anarquistas de práxis, um diálogo que deverá ir se desenvolvendo com a troca de textos e reivindicações de ataques. Sempre será de vital importância o ânimo com que tomemos parte neste diálogo informal. Geralmente não nos agrada as denúncias, os dedos apontados, nem a desgastante “guerra de papel” com seus comunicados políticos intermináveis. O que consideramos meritório é que cada indivíduo e/ou célula se posicione com sinceridade no debate, consciente de que diante de si estão companheir@s que honram suas palavras com os seus, e não diletantes acostumados a recorrer à verborreia imobilista e às práticas reformistas de uma moderada assembleia. Além disso, estamos conscientes que a evolução nasce através do desacordo e das discrepâncias. Como anarco-individualistas e anarconihilistas sabemos que na vida tudo flui e é imprevisível. Não falamos em voz baixa quando estamos em desacordo com algo. Consideramos que a grande importância de alçar a voz radica em que evitamos nos encerrar em dogmatismos absolutos e engolir o anzol das pontualizações intelectuais. Existem incontáveis pseudo-anarquistas, de diferentes denominações, que se afogam nas palavras e vivem delas. Com estes personagens não queremos relação alguma. Não nos agradam as palavras ocas e carentes de prática. Pelo contrário, atribuímos grande importância às palavras e aos textos que vem acompanhando nossos ataques contra o Estado e sua sociedade. Porque estas palavras são um espelho da alma, são o reflexo de nós mesm@s, o chamado para a próxima batalha.

9-Em um de seus recentes comunicados (“*Fuego y polvora*”), atendem algumas das inquietudes d@s companheir@s chilen@s das “*Colunas antagonistas incendiarias*” sobre o uso do discurso “revolucionário” (e suas conotações populistas) nas lutas antagonistas do século XXI. No entanto, apesar da extensa reflexão que oferecem, ficamos com algumas dúvidas, sobretudo porque nos parece algo insuficiente essa proposta de “corrigir” o problema do “sobrenome” da revolução, em lugar de se questionar o conceito mesmo de Revolução em pleno século XXI. Consideram que uma “Revolução Anarquista” seria muito diferente de todas as outras revoluções conhecidas? Nós consideramos que não, que todas as revoluções conhecidas, desde a Revolução Francesa até as mais recentes, terminaram em ditaduras e/ou governos autoritários, e pensamos que não é por coincidência que este fenômeno se repete constantemente, ao contrário, acreditamos que isso acontece, precisamente, a tudo o que está implícito neste termo liberal. Quando acontece uma “revolução”, as coisas mudam de lugar, isso que dizer se movem das mãos de uns as mão de outr@s. Deixando intactas as condições para a imediata reprodução do Poder, ao não serem realmente eliminadas

¹<http://liberaciontotal.lahaine.org/?p=3835> (N.T.)

²<http://liberaciontotal.lahaine.org/?p=3427> (N.T.)

a opressão e a exploração. Então, não consideram que seria mais apropriado neste século, desde uma perspectiva anarquista insurrecionalista, propor a ideia da destruição total, incluindo os modos da produção e comercialização, para evitar a recuperação do Poder e, assim, dar um passo até a Anarquia?

Consideramos que esta pergunta, especificamente, deixa muito claro a diferença entre a ideia anarquista revolucionária e as demais ideologias revolucionárias, as quais competem entre si para fazer com que predomine sua verdade e seu dogma.

Cada ideologia revolucionária fala da fórmula, da receita infalível para alcançar um mundo futuro que surgirá, única e exclusivamente quando esta ideologia ganhe. @s porta-vozes teóricos e @s orador@s de sua vanguarda “profetizam” o “sonho depois da revolução”. Todas essas ideologias funcionam como religiões, já que inventam um mundo cortado e costurado com sua justa medida. Cada revolução dispõe de seu próprio “evangelho” sobre “como será organizada a vida depois da vitória revolucionária”. Quantas vezes não lemos ou escutamos sobre os conselhos operários, as assembleias populares, os comitês de base...? Todas as revoluções conhecidas padecem de ansiedade e tem pressa por comprometer nossas vidas dentro de seus marcos e regras, que por muito “revolucionárias” que se digam, não deixam de ser restritivas. Desde modo, a nova sociedade, ainda antes de nascer, determina seus próprios limites. Justo aí espreita a sombra do Poder. Por que todas estas receitas, previamente preparadas para alcançar um “mundo novo”, costumeiramente nos são vendidas por aqueles que já se preparam para tomar o Poder, seja como líderes ou como vanguarda. Além disso, como vocês mencionaram em seu posicionamento, o único que as revoluções logram no fim das contas é mudar o poder do bando inimigo para o seu. Se reduz a uma transferência do Poder, mesmo que se realize com outro tirano e mudando a retórica do poder deposto. Por isso, as ditaduras do proletariado comunistas não tem nada que invejar as ditaduras capitalistas. Nós somos inimigos de toda ideologia que queira reprimir as infinitas possibilidades de liberdade nascidas da destruição do Poder, impondo seus programas, suas regras e ordens para “depois da revolução”.

As vezes, ainda nos círculos anarquistas, se debate sobre a futura organização da sociedade “anarquistas”, o lugar do trabalho, a autogestão dos meios de produção, a democracia direta, etc. Em nossa opinião esses debates e propostas se assemelham muito a construção de uma represa que tenta controlar o ímpeto da torrente caudalosa da Anarquia. Limitam a vida a uma nova imobilidade imposta pelas instituições “revolucionárias”, privando-a da espontaneidade, da espírito selvagem, da procura, da evolução. A Anarquia, no entanto, não pode se reduzir a seguir uma série de instruções que nos prometem uma vida estancada e resolvida. A imobilidade é sinônimo de morte. Pelo contrário: a Anarquia é um continuo movimento sem limite nem restrição alguma. Por que sem movimento não existe liberdade. Então, quando falamos da revolução anarquista, temos em mente uma revolução desconhecida, longe e fora de todas as revoluções anteriores. Naturalmente, não basta com simplesmente corrigir o conceito de “revolução” acrescentando o adjetivo “anarquista”. Mas, por outra parte tampouco queremos regalar palavras ao inimigo e à historia, escrita até agora por nossos tiranos. Por isso, destruímos e construímos, uma e outra vez, novos conceitos. Para nós, a Anarquia tem sua própria revolução, como também conta com a sua própria guerrilha urbana que não lembra nenhuma outra. É a revolução sem fim, uma batalha permanente que não termina nunca, uma viagem sem freios nem estação de destino predeterminada, uma rebeldia combativa que nunca se vai deter porque sempre haverá um pôr do sol melhor que todos e cada um que tenhamos visto antes. Isso é para nós a Anarquia. Apenas termina uma batalha, estamos preparad@s para começar uma nova.

Imaginem que se por um momento se chegar a concretizar a sociedade anarquista, sem

dúvida, sempre existirão anarquistas nessa sociedade futura, que se reconhecerão fora de suas margens e impulsionarão sua própria luta para evoluir até algo distinto, até sendeiros nunca explorados e totalmente desconhecidos para el@s, de maior liberdade. Desta luta, surgirá um novo conflito: d@s nov@s negador@s do existente. Tanto na Anarquia como na vida, na amizade e no amor, não existem garantias. A certeza e a segurança que a imobilidade oferece mata toda vitalidade, toda evolução. A fonte da vida é o movimento constante e a evolução. Evoluir significa destruir e construir de novo, uma e outra vez, sem fim.

Por isso, aqui na Grécia, nós, como anarco-niilistas, ao contrário de todos os outros círculos anarquistas, não falamos de “transformações das relações sociais” rumo uma versão mais liberadora, senão que promulgamos sua destruição total e aniquilação absoluta. Porque só mediante a destruição total do mundo do poder contemporâneo e da civilização da opressão/exploração dos seres humanos, dos animais e da natureza, poderá construir-se algo novo. Quanto mais fundo destruímos, mais livremente construiremos. Não queremos deixar nada em pé do mundo atual. Todos os valores, os hábitos, os costumes, assim como todas as conquistas da ciência e da tecnologia, estão contaminadas pelo Poder e unicamente servem a seus fins. Não carregaremos nada disso na bagagem quando partirmos vagabundeando em busca da vida selvagem, autônoma e anárquica. Não alucinamos com a “proletarização”, a “autogestão dos meios de produção” ou “o trabalho voluntário”.

Hoje somos destrutores, amanhã seremos construtores, até que o amanhã volte a se transformar no ontem e uma nova destruição comece. Porque toda situação na vida, mesmo as mais novas, quando se detém e se estancam, com seus hábitos e rotinas, inexoravelmente dão lugar a novos papéis e autoridades; pelo que tem que ser desprezada e deixada pra trás. A Anarquia é como as bonecas russas, sempre oculta dentro de si mesma, uma nova Anarquia e assim até o infinito.

10-Continuando com esta ideia, nos parece muito importante reavaliar muitos dos termos e conceitos que continuamos empregando, não só por ultrapassados mas também por ser inadequados para nossos fins, como por exemplo, a “luta armada” e a “guerrilha urbana”, apesar das origens anarquistas destes conceitos. Cabe, talvez, esclarecer que ao afirmar isto não estamos optando pelo abandono da violência anárquica nem da via armada, mas que tentamos reavaliar estes conceitos, enfatizando o que significa hoje e ou significaram no fim do século passado. Isto nos obriga a refletir e abordar criticamente o “culto” ou a glorificação das armas (uma temática amplamente analisada pelo companheiro Bonnano), particularmente no referente ao uso de “táticas” e “estratégias” implícitas no conceito de “guerrilha” e todas as suas implicações vanguardistas (desenvolvimento quantitativo, aparelhos ou casas de segurança, métodos de sobrevivência, necessidade de “revolucionários” profissionais, etc.) Consideramos que não é suficiente acrescentar o prefixo “nova” para mudar automaticamente todas estas conotações, por isso insistimos na importância de criar outras formações e coordenações informais, com base nos grupos de afinidade e nos núcleos autônomos. Qual é sua opinião a respeito?

Como afirmamos no folheto “*Fuego y polvora*”, <<[...] quase sempre as mesmas palavras expressam conceitos diferentes de um país para outro. >> Por isso, é importante conhecer a origem, histórica e política, dos termos que estamos utilizando, para fazer compreensível seu uso atual e a expropriação que cometemos ao subtraí-los das referências e credenciais desse passado com cheiro do museu.

Na Grécia, conceitos como “guerrilha urbana” e “luta armada” tradicionalmente pertenceram aos círculos da esquerda extra-parlamentar; por isso arrastam todos esses modelos da linguagem seca e inexpressiva da religião marxista, igualmente carregam as armadilhas do vanguardismo, as diretrizes, os chamados para “luta das massas”, etc. Houveram ocasiões em

que estes mesmos conceitos saíram também de divergências mais libertárias que partiam de referências antiautoritárias (*Luta anti-estatal*, alguns setores do E.L.A) mas, ao mesmo tempo, em alguns comunicados destas organizações guerrilheiras tampouco faltaram aspectos muito mais conservadores e “patrióticos-populares”.

Em todo caso, não se pode negar que até meados do 2002 (com as detenções de membr@s do “17 de novembro” e E.L.A) quem faziam referência a luta armada ou a guerrilha urbana tinha em mente os círculos minoritários da esquerda extra-parlamentar. Ao término da luta anti-ditatorial, a esmagadora maioria da esquerda extra-parlamentar continuou um caminho declinante, se tornou muito mais conservadora e reacionária. Tinha se aposentado e virado um ridículo protesto, no marco dos limites legais do sistema. Foram muito pouc@s @s pertencentes aquele círculo da esquerda extra-parlamentar que não depuseram as armas e continuaram a luta armada. Hoje a esquerda está morta, não só no referente a suas ideias mas também em seu acionar. Enfim, não é nosso objetivo oferecer uma missa de defuntos políticos.

Como anarquistas viemos de outra cultura, uma cultura com valores próprios muito distintos e mantemos nossa própria guerra contra o Poder em cada uma de suas expressões. Reconhecemos que a ação anarquista, apesar de muito difundida, até poucos anos de fato se considerava inferior em relação aos “golpes” realizados pelos grupos guerrilheiros de esquerda.

Evidentemente, não nos importa em absoluto como os jornalistas e os especialistas da Unidade Antiterrorista “qualificam” a violência anarquista. Com a intenção de criar opiniões e fazer propaganda, muitas vezes nos enfiam umas muito peculiares e depreciativas descrições, como a de “terrorismo *light*”, ou referências como “aqueles que botam as bombinhas de botijões de gás,” ou “criam distúrbios”. No entanto, não somos indiferentes aos fatos de que, paralelamente a propaganda do Estado, dentro dos círculos anti-autoritários florescia o parasita do complexo político frente à guerrilha urbana de esquerda. No interior de grande parte do anarquismo tinha se configurado (ainda que de maneira informal) um tipo de hierarquização dos “meios”, que conduziu ao culto e ao fetichismo da luta armada, apresentando-a como algo inacessível para @s própri@s anarquistas. De tal forma se criou esta mitologia em torno da luta armada que, subconscientemente, se mostrava como a forma mais elevada de ação, enquanto a crença sobre o uso das armas foi anulando qualquer possível crítica. Deste modo, além do Estado e dos meios de comunicação, uma parcela dentro do próprio meio anarquista valorizava suas ações (incêndios, bombas molotov, etc.) como o “parente pobre” da luta armada. Este preconceito dogmático construiu um muro muito alto e interpôs uma aura de mistério em torno da luta armada, apresentando-a como uma opção radical ao mesmo tempo que a mostrava como uma opção distante. Não tanto por razões de percepção mas devido a uma desvalorização militarista, segundo a qual o fogo de um incêndio não pode se comparar às armas utilizadas durante uma ação política.

Esta síndrome de inferioridade que possuíam certos anarquistas nos enfurecia muito. Consideramos que isto, até certo ponto, se devia aos resíduos esquerdistas que ainda habitam a tradição anarquista na Grécia. Não são casuais as frequentes e pomposas referências e consignas de muitos grupos anarquistas sobre a agrupação armada leninista (EAM) que agiu durante a guerra civil de 1945. Arrastando o passado (além de lhe render uma veneração fetichista) jamais seremos capazes de construir uma atualidade forte, já que se seguirá instalado na eterna nostalgia do ontem, uma coisa é a memória, que ilumina a perspectiva, e outra, muito diferente, são as crenças que irremediavelmente parem mitos. A perspectiva se cria, o mito simplesmente se admira e alimenta.

Nós, antes de formar a CCF, nunca aceitamos a concepção derrotista que apresentava a ação anárquica como uma caricatura da “onipotente” violência armada dos grupos marxistas das décadas anteriores. Em primeiro lugar, para nós, a práxis não se mede exclusivamente pelo grau de violência que se alcance. A práxis não se torna mais ou menos anarquista de acordo com a quantidade de quilos de explosivos utilizados na realização de uma ação. Não somos traficantes de armas para valorizar as ideias e a práxis proporcionalmente as munições que tenhamos a nossa disposição. Não existe algo que se denomine “violência de baixa intensidade” (definida assim pela ausência do uso das armas), o que sim, existe e é palpável, é o baixo nível de consciência, de paixão e coração. A execução de um dignatário ou qualquer personagem do Poder, dependendo do ponto de vista que representa (por isso insistimos no indispensável que são os comunicados) pode ser mais reformista que um ataque com bombas de pintura. Uma organização pode, por exemplo, executar algum grande empresário como represália às demissões massivas e/ou redução de salários, enquanto outra, por exemplo, pode atacar com pedras, pintura e martelos expressando seu rechaço direto ao trabalho. Realmente, já que em nossos comunicados falamos da guerra contra o Poder, é lógico que queremos nos armar para atacar e fazer frente ao inimigo. Tudo é possível e todas as eventualidades estão ao nosso alcance. Não existe nada inacessível e um ato não requer “super-comandos”, tampouco revolucionários “profissionais”, mas simplesmente que estejamos decidi@s a atacar e tenhamos a consciência e vontade necessárias.

A guerrilha urbana é justamente o que o seu nome implica: a instigação para criar condições de guerra em uma área urbano-metropolitana. É um método de guerra e não um conceito identificado com a esquerda e as ideias marxistas. Ainda que sua tradição histórica pertença a estes meios, no presente foi superada.

Na Grécia, os termos “luta armada” e “guerrilha urbana” foram, durante um longo período do tempo, conceitos velhos, com referências próprias da museografia. Após a prisão dos membr@s do grupo “17 de novembro”, estes termos se reduziram a pura palavrearria que muitas pessoas tentaram encerrar nas páginas dos livros para descrever uma história que acreditavam acabada. Mas nada está acabado enquanto exista a práxis que revive as palavras. Tomamos a decisão de “roubar” estas palavras de sua tradição política e contextualizá-las, as desviando para um difuso experimento anarquista. De momento, estamos inventando o conceito de “nova guerrilha urbana”, provocando assim um duplo curto-circuito que afeta tanto o Estado quanto @s reformistas.

Descemos a guerrilha urbana das alturas da vanguarda armada e a colocamos em andamento como prática anarquista. Derrubando as barreiras conservadoras e as pretensões “profissionalistas” que a vinham apresentando como “a forma mais especializada e superior de agir”. A nova guerrilha urbana é a práxis que ataca o Poder e desdenha de sua tirania. Desde sabotagem a caixas eletrônicas até o “bombardeio” com pintura de um edifício estatal, lançar pelos ares um objetivo ou executar um dignatário. Tudo isso é a nova guerrilha urbana. Agora tanto o Estado quanto @s reformistas já sabem que nossa ação não tem limites. É a ponta de uma lança que aposta pela nova guerrilha urbana, como experimento da CCF, já que incluímos em nosso agir todo os meios, e isto sem hierarquizar nem catalogá-los como “mais *light*” ou mais “militaristas” (gasolina, botijões de gás, pólvora, explosivos, armas, textos, tudo!).

Fazendo este breve histórico dos marcos e processos que tem existiram nos círculos anarquistas e radicais da Grécia, queremos comunicar e fazer compreensível a escolha das palavras com as quais nos armamos. Porque as palavras pertencem a quem as mantém vivas. Vamos profanar cada dicionário e cada tradição política ortodoxa, por que não respeitamos um passado morto, somente o presente, vivendo-o com toda sua força.

Noss@s irma@s de luta, provenientes de outras latitudes e outras tradições- assim como vocês que radicam no México-, nos manifestam que tem certa dificuldade com as palavras que utilizamos. Queremos acreditar que com esta resposta conseguimos transferir uma parte de nossa própria história e cultura, que ajudará a compreender nossas posições. Naturalmente, não temos o menor apego pelas palavras. A comunicação a nível internacional acarreta novas possibilidades de luta que, talvez, necessitem novas palavras para expressar-nos. Estamos dispostos a brincar com as palavras, com a única condição de que estejamos de acordo com seu significado.

Estamos abertos ao debate e a inventar novas palavras com clara etimologia anárquica. O único que não queremos é desgastar-nos em discussões inocentes e aproximações filosóficas. A comunicação com vocês e com tod@s @s companheir@s de práxis, participem ou não na FAI/FRI, nos oferece a possibilidade de internacionalizar as lutas e a possibilidade de nomear nossos novos desafios contra o Poder, talvez de uma maneira diferente da que se tem dito até agora. Esta é uma proposta aberta a tod@s. Linguagem e práxis caminham de mãos-dadas. O que ontem foi uma provocação e uma irrevêrencia contra o Poder, hoje, talvez, seja antiquado e até o oposto do que foi em seu momento. Companheir@s, tudo está ao nosso alcance, temos que nos ver como destrutores e construtores de uma nova linguagem, que fale sobre a guerra contra o Poder e difunda a Anarquia.